

PODER E DESTINO: OS LIMITES DO PODER EM LUCIANO DE SAMÓSATA

Matheus Fellipe Rodrigues Braga 1

Edson Arantes Junior 2

1 Bolsista UEG modalidade PBIC/UEG, graduando no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual de Goiás, Campus Uruaçu. MatheusFellipe0021@hotmail.com

2 Orientador, Doutor em História. Professor dos cursos de História, atual diretor da Universidade Estadual de Goiás, Campus Uruaçu.

Resumo:

No presente artigo, temos como objetivo analisar como o conceito estoico de destino é colocado em xeque nos textos de Luciano de Samósata. Para isso, analisaremos alguns de seus textos, como *Zeus Trágico* e *Zeus Refutado*. A filosofia estoica sempre enfatizou a importância do destino e a sua aceitação para uma vida virtuosa. Na mitologia grega, Zeus é concebido como o deus mais poderoso dos deuses, no entanto, nos textos de Luciano o seu poder passa a ser questionado. Em *Zeus Refutado*, através de um diálogo satírico, Cinisco chega a dizer a Zeus que ele não passa de instrumentos ou ferramentas, e que tudo o que acontece no mundo é responsável não por ele, mas sim pelas Parcas, que determinam todos os acontecimentos do universo. Neste sentido, buscamos apresentar as limitações de poder que configuram o Zeus luciânico, em mundo no qual a mitologia ainda se faz como um meio pertinente de produção cultural.

Palavras-chave: Luciano de Samósata. Destino. Império Romano. Poder.

Introdução

O presente artigo contribui para discussões sobre o mundo greco-romano, uma vez que abordaremos aspectos em um período no qual o império estava em seu



auge de poder militar. Embora sua vasta extensão territorial, Roma nunca conseguiu dominar a cultura grega. Neste sentido, discutiremos alguns aspectos que englobam esse universo greco-romano através de um escritor satírico que, apesar de sírio por nascimento, sua formação diz respeito a cultura grega.

Luciano nasceu em Samósata, uma cidade fortificada, capital do reino de Camogena, situada no norte da Síria a margem direita do Eufrates. Escreveu um vasto número de textos em grego ático. O escritor viveu durante o século II da nossa era, período no qual o império gozava de sua grande potência e extensão territorial que aumentava progressivamente. Da sua vida pouco se sabe, e o que sabemos está contido em suas mais diversas obras. Luciano estava inserido em um contexto importante para o império. O século II também é o século do imperador e filósofo Marco Aurélio, considerado como um dos últimos expoentes da filosofia estoica, que muito foi ironizada por Luciano.

Os estoicos muito enfatizaram a importância do destino para a coesão social e a ordem do todo. Acreditava-se, os estoicos, que tudo no mundo acontecia devido a algo já determinado pelo destino, dos mais importantes até os mais banais dos acontecimentos. Luciano, que não se identificava com o estoicismo, acabou por ironizar em seus textos essa cosmogonia estoica. Dessa forma, o presente texto busca discutir como um sírio, formado pela cultura grega, vivendo em um período no qual o império romano alcançava dia após dia mais poder, e que, seu imperador era também filósofo e adepto as ideias estoicas, reunindo poder, literatura e memória conseguiu construir argumentos que ironizava todo o alicerce predominante da época, colocando assim em xeque o cerne do estoicismo: o destino.

Material e Métodos

Para a construção deste artigo, fizemos análise documental de alguns textos do Luciano, tais como *Zeus Refutado* e *Zeus Trágico*. Tratam-se do nosso documento principal para a pesquisa, pois apresentam um olhar satírico sobre os limites do poder das divindades que compõem a mitologia grega. Além das obras luciânicas,





utilizaremos textos referentes ao período greco-romano, de forma que essas fontes poderá proporcionar um diálogo entre os textos luciânicos e o contexto no qual suas obras foram escritas.

Resultados e Discussão

Luciano de Samósata deixou um legado cultural muito grande, pois suas obras versam sobre os mais diversos temas e nos faz pensar sobre a realidade que nos cerca. Um dos temas abordados nas obras luciânicas é a figura de Zeus, que na mitologia grega é concebido como o deus mais poderoso da mitologia grega. Em *Zeus Refutado* e *Zeus Trágico*, o escritor ironiza a sua imagem quando impõe aos deuses algumas limitações do poder divino. A relação de Luciano com o império pode suscitar dúvidas, e até mesmo fazer o leitor acreditar que o sírio considerava Roma um palco de degeneração social. De fato, Luciano considerava Roma palco de degeneração social, mas sua relação com o império perpassa aspectos muito mais complexos que simples estereótipos. O escritor, ao considerar Roma um lugar de maus costumes, também reconhecia a importância do império, uma vez que sua força e extensão territorial aumentava paulatinamente. Edson Arantes Junior tece bons argumentos para pensarmos qual seria de fato a real relação do sírio com o império:

Devemos concordar com a premissa defendida por Paul Veyne, de intelectuais que não gostam do Império, se sentem gregos mais corroboram a ordem e mantêm lealdade ao imperador. Inicialmente acreditamos que essa pode ser uma hipótese para balizar nossa análise da relação de Luciano com o Império. (Arantes Junior, 2011, 9.)

O império no qual viveu Luciano dispunha de uma característica inusitada na política: a presença de um rei-filósofo. Marco Aurélio, imperador do século II, também era filósofo e adepto das ideias estoicas. Convencionalmente é considerado como um dos últimos expoentes do estoicismo, também conhecido como estoicismo imperial. A filosofia estoica, a qual muito foi ironizada nos escritos luciânicos, foi fundada em Atenas por Zenão, provavelmente em 301 antes da nossa era. O estoicismo pode ser caracterizado como um movimento espiritual e moral. Ao longo da história foi

REALIZAÇÃO



responsável por orientar pessoas a se comportarem diante dos males e das paixões, a aceitar os acontecimentos da vida como se tudo fosse predeterminado como sinônimo de uma vida virtuosa. O estoicismo, em outras palavras, pregava a importância de se viver de acordo com a natureza para adquirir um estado de imperturbabilidade da alma. Viver de acordo com a natureza não significa, necessariamente, viver isoladamente ou abster-se dos artifícios da sociedade, mas, para os estoicos, significa viver de acordo com o sopro do divino, ou seja, em consonância com o destino. É como uma peça de teatro, no qual todos os atores recebem os seus papéis e cabe a eles esforçarem-se para desempenhar com mais alto rigor tudo o que lhes foram destinados.

Em *Zeus Refutado*, Cinisco¹ introduz a narrativa clamando a atenção de Zeus para fazer-lhe uma pergunta que conduzirá toda a trama da história. Cinisco pergunta:

CINISCO — Eis do que se trata, ó Zeus. É claro que já leste os poemas de Homero e de Hesíodo. Então diz-me cá se é verdade aquilo que eles cantam a respeito da Predestinação e das Parcas: que é inevitável tudo quanto elas fiarem para cada homem no momento do seu nascimento. (Luciano, 2012, 147)

Percebe-se, com isso, o elemento estoico de destino para a administração da vida humana. Zeus, na medida que se desenrola a narrativa, utiliza-se de evasivas as perguntas de Cinisco que tenta a todo instante vencer o debate. Cinisco, a partir dessa premissa de que cabe as Parcas determinar todos os acontecimentos, conduzirá o debate em um jogo de perguntas e respostas, no qual o filósofo cínico faz a pergunta já sabendo a resposta, fazendo com que ele esteja sempre um passo na frente da discussão. Ao indagar Zeus se as Parcas também mandam nos deuses e receber uma afirmativa, o filósofo cínico utiliza de bons argumentos para questionar o poder divino. Em uma metáfora, Cinisco compara Zeus com instrumentos ou equipamentos, como se o papel dos deuses não fosse tão determinante como se acreditava. Assim como o navio possui o seu construtor naval, a predestinação seria a construtora de tudo,

¹ Cinisco é um filósofo cínico. Personagem fictício.



enquanto os deuses seriam apenas os seus instrumentos, assim como o enxó serve ao carpinteiro para exercer o seu ofício (Luciano, 2012).

Em *Zeus Trágico*, a trama torna-se mais cômica, pois o diálogo passa a ser assistido pelos deuses no céu, que dissipam as nuvens para que possam acompanhar o debate acirrado entre Tímocles² e Dâmis³. Certamente podemos perceber em seus textos a visão de Luciano sobre a cosmogonia estoica. O destino, nas obras luciânicas, nada mais é que motivo de riso. Ao escrever textos como *Zeus Refutado* e *Zeus Trágico*, Luciano de Samósata tece críticas não somente a um conceito estoico, mas trata-se principalmente de críticas a uma estrutura complexa de produção de significados. Luciano, sem dúvidas, não se identificava com muitos aspectos do mundo romano, e seus escritos deixaram um legado muito grande para pensar o seu lugar no mundo.

Por fim, cabe pontuar algumas considerações sobre o Zeus luciânico. Edson Arantes Junior, em sua tese de doutorado, *Os usos políticos da narrativa mítica em Luciano de Samósata: aspectos do regime de memória romano (séc. II d.C)*, nos proporciona uma visão mais ampla ao dizer que podemos entender o Zeus luciânico como dois “[...] De um lado, ele representa o tirano, tal como mostram os manuais políticos, e muito provavelmente, sob a orientação aristotélica, e em segundo lugar, os limites de ação dessa divindade que não controla tudo.” (ARANTES JUNIOR, 2014, 177). Certamente podemos afirmar que, com Luciano, a crença de que o mundo possui forças maiores que cuidam do universo aos poucos começa a ser questionado. Essa forma de pensar acaba entrando em confronto não somente com a mitologia greco-romana, mas trata-se de um grande ataque a toda forma de produção cultural. Assim como em *Zeus Trágico*, Zeus alega que preferiria ter a Dâmis como aliado, creio que Marco Aurélio também preferiria ter a Luciano como aliado do império.

Considerações Finais

² Filósofo estoico. Personagem fictício.

³ Filósofo epicurista. Personagem fictício.



Em contexto conclusivo, cabe ressaltar a importância de se ler as obras luciânicas para compreender o contexto no qual ele estava inserido e suas múltiplas formas de poder. Suas obras carregam uma profundidade de sentido enorme, pois ao mesmo tempo que leva o leitor ao riso, também conduz a um mergulho para dentro de si, no qual o leitor poderá questionar suas crenças e até mesmo a realidade que o cerca. As obras que analisamos nos proporciona um olhar mais aguçado sobre certas crenças, até mesmo para se perguntar até que ponto essas crenças interferem nas relações sociais e culturais. Será que Luciano de fato coloca em xeque o conceito de destino? Difícil afirmar com segurança, principalmente se levarmos em conta que uma das religiões com mais fieis hoje em dia segue essa cosmogonia de destino. O que nos cabe dizer, de fato, é que com Luciano esses conceitos passam-se a tonar objeto de investigação e crítica. Por fim, quem se debruça pelas obras de Luciano de Samósata não se restringe apenas ao contexto no qual o sírio viveu, mas percebe-se em um fluxo contínuo de tempo no qual as crenças e culturas se renovam a todo instante.

Agradecimentos

Meus agradecimentos, em primeiro lugar, ao professor Drº Edson Arantes Junior por ter me proporcionado a possibilidade de ingressar neste projeto de pesquisa. Também pelo seu apoio durante a curta trajetória, mas que serviu de grande ajuda para que eu continuasse firme mesmo diante das dificuldades. Não poderia deixar de citar, também, os demais professores do campus que contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico. A meus pais que, sempre no que podem me auxiliam para seguir em frente nessa caminhada difícil que é a vida. Por fim, a toda UEG que me deu suporte, principalmente financeiro para aventurar em novos conhecimentos e novas vivências fora do campus.

Referências

ARANTES Junior, Edson. *Luciano de Samósata e o Império Romano: dilemas de um escritor na segunda sofística*, 2011. Disponível em:



http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308165182_ARQUIVO_Luciano_d_eSamosataeolImperioRomanodilemasdeumescritornasegundasofistica.pdf. Acesso em: 13 de ago. 2018.

ARANTES JUNIOR, Edson. *Os usos políticos da narrativa mítica em Luciano de Samósata: aspectos do regime de memória romano (séc.II d.C.)*. Goiânia: UFG, 2014. (Tese de Doutorado).

GOURINAT, Jean-Baptiste; BARNES, Jonathan (orgs). *Ler os estoicos*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

INWOOD, Brad (org). *Os estóicos*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

LUCIANO. Luciano [III]. *Zeus Refutado*. Tradução do grego, introdução e notas de Custódio Magueijo. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra University: Press, 1º Ed. IUC. 2012.

LUCIANO. Luciano [V]. *Zeus Trágico*. Tradução do grego, introdução e notas de Custódio Magueijo. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra University: Press, 1º Ed. IUC. 2012.

ULLMANN, Reinholdo. *O estoicismo romano*. Porto alegre: EPICURS, 1996.



V Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



**Universidade
Estadual de Goiás**